



A filosofia do Teatro Mágico

Um dos últimos fenômenos da música brasileira, o grupo paulista O Teatro Mágico chega ao terceiro álbum, *A Sociedade do Espetáculo*, ao mesmo tempo seguindo e contrariando a máxima de que em time que está ganhando não se mexe. Sua sonoridade continua fluente, aberta a vários tipos de ouvidos, mas musicalmente amadureceu bastante. Isso se deve tanto ao aprimoramento do líder do grupo, o cantor, compositor e violonista Fernando Anitelli, quanto à presença no estúdio de um produtor profissional, o competente Daniel Santiago – que também toca violão, guitarra e participa dos arranjos. O título é o mesmo de uma obra clássica do filósofo francês Guy Debord sobre a sociedade de consumo e, nas letras, Anitelli questiona os cotidianos pessoal e coletivo nas grandes cidades. Ele sempre teve posições que se pode chamar de políticas, mas agora está mais focado. Na ilustração da capa aparecem personagens históricos como Marx, Fi-



Fotos Divulgação

del, Pinochet, Mandela, Hugo Chávez. O fato de ser um disco mais pop que os outros, não reduz a hegemonia da música brasileira nem a sonoridade marcada pelos violões e pelo violino de Gallidino. *Amanhã... Será?*, cuja letra comenta as recentes revoltas no mundo árabe, é um rock. Mais leve, com o sax de Jeff Cofinn (da banda de Dave Matthews), *Transição* cita na letra “milagres aconte-

cem quando a gente vai à luta”. Uma das melhores letras está em *Eu Não Sei Na Verdade Quem Eu Sou*, onde salta a frase “por onde entrei deve haver uma saída”. Outra, *O Que Se Perde Enquanto os Olhos Piscam*, foi feita em parceria com twiteiros e tem um clima beetle. Linda, *Você Me Bagunça* lembra as canções do pessoal do Clube da Esquina. Fechando o CD, *Canção da Terra*, do gaúcho Pedro Munhoz, com levada próxima ao chamamé e o acordeom do também gaúcho Bebê Kramer, diz que “o latifúndio é feito um inço que precisa acabar”. O álbum foi lançado em duas versões: só o CD e CD+DVD com o making of das gravações e falas de Anitelli e seus parceiros. Sempre com um trabalho independente e apoiado na internet, O Teatro Mágico tem mais de seis milhões de downloads oficiais e já vendeu cerca de 300 mil CDs e 120 mil DVDs. Este novo pode ser baixado grátis no site do grupo e está à venda nas livrarias Cultura e Saraiva.

De roqueiros a poderosos chefões

No início dos anos 70, aproveitando a onda da época de cantar em inglês, surge em São Paulo a banda Lee Jackson. Seu primeiro compacto, com a música *Hey Girl*, chega em 1972 e sobe às paradas de sucesso. Sete anos e sete LPs depois, quando a banda deixa de existir oficialmente, seus cinco integrantes já começavam a liderar uma verdadeira revolução na indústria discográfica brasileira, pouco a pouco ocupando postos-chave nas grandes gra-



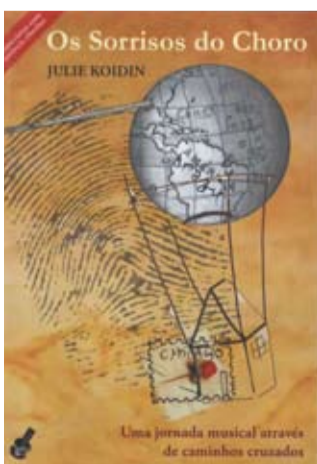
vadoras. Cláudio Condé, Marcos Maynard, Sérgio Lopes, Marco Bisi e Luiz Carlos Maluly são indissociáveis do que ocorreu na música brasileira de lá para cá. Lançaram milhares de discos, projetaram centenas de artistas, moldaram o mercado e chegaram, enfim, à presidência (nacional e internacional) das gravadoras que hoje se chamam EMI, Universal, Sony, Warner. A trajetória de cada um deles, recheada de aventuras e histórias, da adolescência aos

dias atuais, está contada nas 305 coloridas páginas e fotos do livro *Banda de Milhões*, de Tom Gomes. Presidente da Editora Espetáculo, que edita as revistas Sucesso e Show Business, representante no Brasil do Grammy Latino, Tom está ligado à música também desde bem jovem. Ao mesmo tempo em que traça as biografias, o livro, muito bom de ler, mostra a indústria fonográfica pelo lado de dentro. E tem como pano-de-fundo as transformações vividas pela música nestes 50 anos, dos artistas (que também são personagens principais) às gravadoras, ao rádio, à televisão, ao público. Os cinco seguem amigos, com frequência trabalhando juntos.

(Editora Nova Leitura)

Americana lança livro sobre o choro

Uma flautista norte-americana é a autora do livro *Os Sorrisos do Choro*, mais completo levantamento sobre os principais músicos brasileiros de choro. Nascida em Chicago, com formação clássica, Julie Koidin se apaixonou pelo choro desde a primeira vez que ouviu, por acaso, um disco de Altamiro Carrilho, em 1995. Daí partiu em busca de tudo o que pudesse encontrar e, um ano depois, formou o grupo The Mirandas (nome inspirado em Carmen Miranda, claro). Mais



um ano e veio ao Brasil, para ter aulas com Altamiro no Rio. Entre idas e vindas, em 2002, com uma bolsa da Comissão Fulbright, iniciou uma pesquisa cujo primeiro resultado é este livro.

Durante meses, Julie entrevistou 52 músicos no Rio, em São Paulo, Brasília, Fortaleza, Recife e Natal – pena que não veio a Porto Alegre, cidade com tradição de choro. Antecedidas por rápida

biografia do entrevistado, as perguntas o levam a falar sobre tudo, família, edu-

cação, como chegou à música, carreira, fatos marcantes. Alguns entrevistados: Altamiro Carrilho, Carlos Malta, César Faria, Cristóvão Bastos, Daniela Spielmann, Déo Rian, Guinga, Henrique Cazes, Hermeto Pascoal, Izaías do Bando-lim, Joel Nascimento, Luciana Rabello, Mário Sève, Paulo Moura, Paulo Sérgio Santos, Proveta, Sivuca e, divertido como sempre, Yamandu Costa. Diz que toca alguns choros mas não tem conhecimento suficiente para ser chamado de “chorão”. E nem quer ser denominado assim. Já Julie, brasileira honorária (está enturmada, vem todos os anos), costuma dizer que não encontrou o choro, foi encontrada por ele.

(Global Choro Music)

zás-trás

SEIS PARES DE LUXO

Lançado sexta passada, o projeto *Canções aos Pais* reunirá no Theatro São Pedro, até julho de 2012, duplas formadas por gaúchos, paulistas, cariocas, uruguaios e argentinos. A primeira, dia 22, terá o guitarrista Duca Leindecker e a harpista Cristina Braga. Em 15 de dezembro, Luiz Carlos Borges + Lilianna Herrero. Depois, Tonho Crocco + Nilze Carvalho, Nei Lisboa + Paula Morelenbaum, Adriana Deffenti + Tatiana Parra, Cláudio Levitan + Daniel Drexler. Tudo grátis. Produção Cida Cultural. Infos 3227-5100.

TAGLIANI NO SANTANDER

Um dos grandes guitarristas/violonistas gaúchos, Pedro Tagliani se apresenta hoje no Santander Cultural. Em 1993, como integrante do grupo Raiz de Pedra, ele se transferiu para Munique, na Alemanha, e lá permanece, com sua carreira individual desenvolvida na Europa. No ano passado lançou mais um disco, *Ao Vento*, de violão solo, cujo repertório mostra hoje. Às 18 horas, grátis, infos 3287-5500.



TRINTA ANOS DE BETHÂNIA

Antônio Carlos Falcão e Maria Bethânia serão a mesma pessoa? Os que assistem aos shows desde o primeiro, acreditam nisso. E a prova está hoje no Bar Ocidente, onde tudo começou, há 30 anos. Cantor e performer, Falcão é perfeito na transposição. O show tem aparições de “Chico Buarque” e “Ney Matogrosso”, e convidados como Nei Lisboa e Mônica Tomasi. Às 21 horas, 20 reais, infos 3312-1347.

COW BEES LANÇA DISCO

Astros Imaginários, show que o duo Cow Bees apresenta desde 2008, virou um disco que será lançado quarta no Teatro Sesc Porto Alegre. Usando vídeos e recursos de teatro, Beto Chedid (violão, guitarra, voz) e Cláudio Paranhos (voz) brincam com o fenômeno das celebridades instantâneas. Participações de Marcelo Delacroix, Yanto Laitano, Carlos D'Elia e Mimmo Ferreira. Às 20 horas, grátis, infos 3284-2000.



APANHADOR SÓ CONVIDA

Para fechar o ano em que ganhou três troféus Açorianos e rodou o Brasil, o Apanhador Só faz temporada de sexta a domingo no Teatro Renascença, tendo bandas de outros Estados como convidadas. Sexta, 21 horas, Rafael Costa & Os Monumentais (São Paulo); sábado, mesmo horário, Gentileza (Curitiba); e domingo, 20 horas, Bazar Pamplona (São Paulo), todas pela primeira vez no RS. Infos 3289-8066

Em Movimento

- Hermeto, Yamandu, Trio Fattoruso, Frank Solari e X-Quinas estão entre as 30 atrações do Canoas Jazz Mercosul, de 21 a 27, em vários locais da cidade.
- **Jornalista Marcello Campos lançou quinta, na Feira do Livro de POA, seu *Minha Seresta – Vida e Obra de Alcides Gonçalves*.**
- Alcides foi o principal parceiro de Lupicínio, assinando clássicos como *Cadeira Vazia*, *Maria Rosa*, *Castigo*, *Quem há de Dizer*.
- **Também na Feira, Gerson Werlang, professor da UPF, autografa amanhã o livro *A Música na Obra de Erico Veríssimo*. Às 17 horas.**
- Ainda amanhã, a banda Apocalypse faz show às 20 horas na Feira. Depois, autografa a caixa de discos + livro com que comemora seus 25 anos.
- **Na última sexta, a Apocalypse abriu em Caxias do Sul o show da setentista banda inglesa Nazareth, que se apresentou só lá.**
- O State of Monc, quinteto holandês de “nu jazz”, é a atração do próximo domingo no Santander Cultural. Infos 3287-5500.